

- Mais forte zune o vento e a tudo encrispa,
10 Sobem chamas cruéis de chispa em chispa...
O homem chora a perda sementeira...

- Também no mundo é assim... Por bagatela
13 Surge a paixão que se desencastela,
14 Queimando a safra de uma vida inteira...



dências à meditação e seu entranhado amor aos problemas íntimos da consciência, ficou mais perto da *anima rerum* que os seus companheiros». «Em sua arte poética existia algo de nobre e superior, dentro de uma emoção nunca transbordante, mas sempre vigiada pelo senso crítico.» (A. Lins e A. B. Hollanda, *Rot. Lit.*, II, pág. 611.) (A bordo do vapor brasileiro *San' Luiz*, barra de Mangunça, Município de Cururupu, Maranhão, 13 de Maio de 1859 — Paris, 13 de Setembro de 1911.)

BIBLIOGRAFIA: *Primeiros Sonhos*; *Sinfonias*; *Versos e Versões*; etc.

10. Observe-se a onomatopeia, acentuando a ideia de incêndio: "*chamas cruéis de chispa em chispa.../ O homem chora...*"

13. "Surge a paixão que se desencastela". Este decassílabo sáfico com acento secundário na 8ª sílaba, conquanto venha de um parnasiano, não constitui inovação na poética de Raimundo Correia. Pelo menos é o que depreendemos dos exemplos seguintes, colhidos em sua *Poesia Completa e Prosa*:

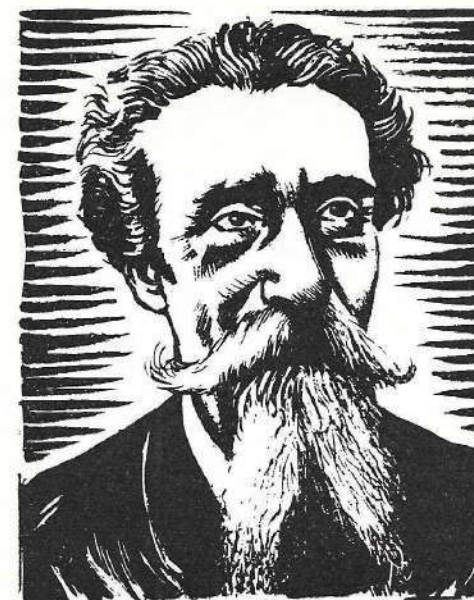
— "Por sobre as águas indolentemente" (Verso 14º do soneto "Ofélia", páginas 145-146);

— "De escuma, e raios e fosforescências..." (Verso 18º do poema "O Dia acorda! Deus por uma fresta", de *Versos e Versões*, pág. 190);

— "Vi-te no céu; e, enamoradamente," (Verso 2º do soneto "Beijos do Céu", pág. 301).

14. O tema deste soneto — "Bagatela" — corresponde às características apontadas por Péricles Eugênio da Silva Ramos, sobre a poesia de RC: "As características de sua poesia são, pelo fundo, um agudo sentimento da transitoriedade das coisas e insolúvel pessimismo; e, pela forma, perceptível senso das virtualidades vocabulares. Sempre foi considerado um dos grandes do parnasianismo; e não há por que rever essa posição." (*Pan.* III, págs. 77-78.)

Raimundo Antônio de BULHÃO PATO *



EPISTOLA

DO

ALÉM

Abisma-se minha alma aos impulsos da prece,
Fitando a dor além que a muitos entristece...

- 3 Pelos campos da morte onde o mal prepondera,
O ente humano enfermiço agita-se qual fera.

A voragem hiante eletriza e arrebatava
O espírito rendido à revolta insensata.

Na grande inquietação do ser que a tudo anela
E que descobre, alfim, que a carne se esfacela,

(*) Poeta, prosador e tradutor português, Bulhão Pato pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa, tendo ido para Portugal com apenas 9 anos de idade. Afirma João Gaspar Simões que o poeta, amigo dileto de Alexandre Herculano, frequentou a roda dos maiores escritores da época. Poeta harmonioso, espontâneo e apaixonado, foi, segundo Mendes dos Remédios (*Hist. Lit. Port.*, pág. 582), «o último representante da

A alma forte que ria, hoje chora a sofrer
Na vastidão do umbral que transfigura o ser.

Cavernas e paus, precipícios e furnas...
Mausoléus de quem vive em névoas taciturnas...

- 13 Neblina e fetidez... O tempo, em caos, dormita...
14 Horrendos animais em urros, choro e grita...

Cada vulto é um dragão que indignado ulula
Preso à inveja, à vingança, à dissensão, à gula...

E arrasta-se a sentir remorsos de culpado
Em frio enregelante e em calor abafado.

A população brame... E avança o turbilhão
No gargarhar febril de caminho malsão!

Os farrapos da vida, errantes pelo espaço,
Pervagam sem parar, gemendo a passo e passo...

Mas todos saldarão os seus mais torvos crimes,
Sob a luz do porvir, em vitórias sublimes,

Quando renascerão na carne redentora
Guardados pela dor, nossa mestra e tutora!

E o visitante, em meio aos seres padecentes,
Rega a senda que pisa em lágrimas pungentes.

escola típica do Romantismo, cujos fundadores conheceu e tratou». (Bilbau, Espanha, 3 de Março de 1829 — Torre da Caparica, Portugal, 24 de Agosto de 1912.)

BIBLIOGRAFIA: Paqueta; Flores Agrestes; Livro do Monte; etc.

3. Refere-se o poeta às regiões purgatoriais da Espiritualidade.
13. O Espírito, no Umbral, perde a noção do tempo-hora.
14. O poeta faz alusão aos casos de zoantropia. Em grande parte, formas licantrópicas.

- 29 Alguém pode esquecer, no imo de si mesmo,
30 Tantas almas na dor a chorarem a esmo?...

Reflete, amigo, assim, que aí em teu remanso
O pranto irado e hostil profana o luar manso...

Quando em fúria te açoite a borrasca do inverno,
Aceita a provação que é luz do Sol Eterno!

Há muito companheiro entregue ao sofrimento,
Sob materialismo ingrato e virulento.

- 37 O ateu, estátua viva a morrer enganado,
Acalenta consigo estranho e horrível fado...

O crime que passou, no qual ninguém mais pensa,
Resta ecoando na alma, igual rude sentença...

Oferece a quem chora o afago da ternura;
Aos frêmitos de dor, a bênção doce e pura.

- O serviço do amor, sem láurea ou recompensa,
44 Ser-te-á nova luz na luz divina e imensa.

- Não olvides jamais o conceito imortal:
46 Há alegria no bem e há tristeza no mal!...

29-30. Ler com hiato: *no/ i/mo* e *a/ es/mo*.

37. Belíssima imagem: o ateu, estátua viva a morrer...

44. Epimone: "nova luz na luz divina". — Cf. nota 2, pág. 36.

46. Dupla antítese.

A fim de que possamos observar o gosto do poeta para os alexandrinos dispostos em pares, vamos transcrever-lhe apenas pequeno trecho de "O Pinheiro Bravo" (*apud* Cláudio Brandão, *Antol. Contemp.*, págs. 423-424):

".....
Da cruel granizada, em tempos de invernã,
Muita vez me abrigou a tua ramaria!

O furacão austral não te insultava a fronte —
Em-pé, robusto e só, no píncaro do monte!"